

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**SATISFAÇÃO CONJUGAL, *COPING* DIÁDICO E
FUNCIONAMENTO FAMILIAR – CONTRIBUTO PARA A
GEOMETRIA DE FAMÍLIAS INTACTAS E RECONSTRUÍDAS**

Rafaela Alexandra de Carvalho Rolhas

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**SATISFAÇÃO CONJUGAL, *COPING* DIÁDICO E
FUNCIONAMENTO FAMILIAR – CONTRIBUTO PARA A
GEOMETRIA DE FAMÍLIAS INTACTAS E RECONSTRUÍDAS**

Rafaela Alexandra de Carvalho Rolhas

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2016

Agradecimentos

Por norma, nesta parte as pessoas aproveitam para agradecer a este mundo e o outro os cinco anos que vêm, finalmente, o seu encerramento. Agradecem aos amigos, aos pais, ao piriquito e ao papagaio. Contudo, eu só tenho algo, de facto, a agradecer a uma pessoa apenas: à **Professora Doutora Isabel Narciso**, pela orientação ao longo do ano. Desde o início do 4º ano que sabia quem queria como orientadora e especialmente por ter dado sempre as melhores aulas durante o mestrado. É uma honra tê-la a ajudar-me nesta fase tão crítica do meu percurso académico.

Dedico, no entanto, a tese a duas pessoas muito importantes: aos meus **pais**, na esperança de que vejam neste pequeno livro (?) um orgulho que lhes permita pôr todas as nossas chatices para trás das costas. De qualquer das formas, escusam de agradecer por, finalmente, ter parado de vos chular a faculdade, ah ah ah!

Finalmente, a mensagem mais importante: Rafaela, *you rock! You're the best!* Fizeste isto tudo sozinha, com dois trabalhos ao mesmo tempo. Com viagens, amigos, namorado e, às vezes, com muito poucas (ou nenhuma) horas de sono. *You did it.* Lembra-te quão grande és. Sempre.

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Introdução | 1 |
| Enquadramento teórico | 2 |
| Conjugalidade em Famílias Reconstituídas – Complexidade e Especificidades | 2 |
| Stress e <i>Coping</i> Diádico | 8 |
| Método..... | 12 |
| Participantes | 12 |
| Procedimento | 12 |
| Variáveis e Instrumentos..... | 13 |
| Análise de Dados | 14 |
| Resultados..... | 16 |
| Comparação de Médias | 16 |
| Análise de Correlações | 16 |
| Análises de regressão..... | 17 |
| Discussão | 19 |
| Limitações | 21 |
| Conclusão | 23 |
| Referências bibliográficas | 25 |

Índice de tabelas

Tabela 1 – Correlação entre variáveis

Tabela 2 – Análise de Regressão Múltipla para a variável dependente recursos familiares

Resumo

O recasamento é uma área de interesse no campo da Psicologia da Família por traduzir uma configuração familiar cada vez mais frequente na sociedade atual. Este estudo, tem como objetivo analisar comparativamente as variáveis funcionamento familiar, *coping* diádico e satisfação conjugal em situação de conjugalidade intacta e de recasamento. Seguidamente, pretende-se perceber as relações entre tais variáveis, bem como analisar o impacto do *coping* diádico e da satisfação conjugal no funcionamento familiar. A amostra é constituída por 43 participantes em situação de primeiro casamento e 20 em situação de recasamento. Responderam a um protocolo onde os instrumentos utilizados para este estudo foram o SCORE-15, para avaliar o funcionamento familiar, o ICD (Inventário de *Coping* Diádico), para avaliar as estratégias de *coping* diádico e o ESCK (Escala de Satisfação Conjugal de Kansas) para avaliar a satisfação conjugal da relação.

Com o objetivo de analisar diferenças entre as três variáveis estudadas para ambas as configurações familiares, e após a sua respetiva análise, os resultados não foram significativos, não apresentando diferenças entre conjugalidades intactas e recasamentos. A análise correlacional entre as variáveis revelou uma relação significativa apenas entre os recursos familiares e as dimensões do *coping* diádico (*coping* do *self*, do parceiro e conjunto) e a satisfação conjugal, indicando que quanto menos os recursos familiares, menor o *coping* diádico e a satisfação conjugal. A análise de regressão múltipla, mostrou que a variável *coping* do parceiro contribui significativamente para os recursos familiares.

Palavras-chave: recasamento, funcionamento familiar, *coping* diádico, satisfação conjugal

Abstract

Remarriage is an area of interest in the Families' Psychology field since its form is more frequent in the current society's familiar configuration. The purpose of this study is to analyze the variables familiar functioning, dyadic coping and couple satisfaction in remarriage comparing with marriage. Then, we also try to understand the relationship between these variables as well as analyzing the impact of dyadic coping and couple satisfaction in the familiar functioning. The sample is composed by 43 first-married participants and 20 remarried. They answered a protocol in which the instruments used in this study were the SCORE-15, to evaluate the familiar functioning, the DCI (Dyadic Coping Inventory), to evaluate the strategies used by couples, and the KMSS (Kansas Marital Satisfaction Scale) to evaluate the couple's satisfaction on their relationship.

In order to investigate the differences between these three variables in the two forms of familiar configuration, and after the analysis, the results weren't significant, showing there were no differences from first-marriage and remarriage. The correlations between variables revealed a significant relation between the familiar resources and the dyadic coping's dimensions (self-coping, partner coping and joint coping) and the couple satisfaction, indicating that the less were the resources, the lower dyadic coping and couple satisfaction would be. The multiple regression analysis showed that the variable partner's coping contributes significantly to the familiar resources.

Keywords: remarriage, familiar functioning, dyadic coping, couple satisfaction

*“We gon' go to war, yeah, without failure
Do it for the fam, dog, ten toes down, dog
Love and the loyalty, that's what we stand for
Alienated by society, all this pressure give me anxiety
Walk slow through the fire
Like, who gon' try us?
Feeling the world go against us
So we put the world on our shoulders
(...)
No pain, no gain
Never stand down, made our own way
Never going slow, we pick up the pace
This is what we wanted from a young age”*

Wiz Khalifa, Lil Wayne, Logic, Ty Dolla \$ign and X Ambassadors

Introdução

A família tem sido caracterizada por mudanças na sua estrutura, havendo uma redução nas taxas de casamento mas um aumento nas de divórcio e, consequentemente, de recasamento (Chiappori e Weiss, 2006; Amato, 2000). Tendo em conta a importância do sub-sistema conjugal para o funcionamento familiar (Barker e Chang, 2003), e atendendo ao facto dos casais recasados terem dificuldades acrescidas quando comparados com os casais intactos (Russel, Coleman, Ganong, 2016), é pertinente e relevante o aprofundamento da investigação sobre esta configuração conjugal, nomeadamente sobre satisfação conjugal (Jensen, Shafer e Larson, 2014). No âmbito da conjugalidade, a literatura empírica sublinha os comportamentos de *coping* diádico como sendo uma ferramenta essencial para o compromisso, o funcionamento e a satisfação conjugal (Landis *et al*, 2014; Traa, Vries, Bodenmann, Den Ouden, 2015).

Apesar de existirem cada vez mais estudos sobre o *coping* diádico, a satisfação conjugal e o funcionamento familiar, tanto quanto é do nosso conhecimento, não existem estudos que analisem a relação entre estas três variáveis, e, especificamente na situação de recasamento. Assim, no presente estudo pretende-se analisar comparativamente as variáveis funcionamento familiar, *coping* diádico e satisfação conjugal em situação de conjugalidade intacta e de recasamento, perceber as relações entre tais variáveis, bem como analisar o impacto do *coping* diádico e da satisfação conjugal no funcionamento familiar.

A presente dissertação divide-se em cinco secções: o Enquadramento teórico onde é apresentada a revisão de literatura efetuada sobre as temáticas centrais; o Método, com a descrição da amostra, dos procedimentos, variáveis e instrumentos utilizados e como se procedeu à recolha e análise de dados; os Resultados, onde estes são apresentados; a Discussão com a reflexão sobre os resultados obtidos e as limitações do estudo; e a Conclusão, que pretende ser uma breve reflexão final sobre as implicações do estudo para a intervenção clínica e para a investigação futura.

Enquadramento teórico

Conjugalidade em Famílias Reconstituídas – Complexidade e Especificidades

Uma família reconstituída apresenta maior complexidade devido ao facto de, no passado, as pessoas presentes na mesma terem feito parte de outras famílias (Alarcão, 2000). Hoje em dia, o recasamento encontra-se mais relacionado com situações de divórcio do que com situações de viuvez como acontecia no passado (Lobo & Conceição, 2003). Em Portugal, o recasamento, tem vindo a apresentar maior expressão seguindo o padrão de países da Europa do Centro e do Norte (Lobo & Conceição, 2003). No entanto, segundo um estudo da Revista de Estudos Demográficos do INE (Carrilho & Patrício, 2008), até 2007, o recasamento representava 13% da totalidade dos casamentos, no que toca à população feminina, e quase 16% para o sexo oposto. Tanto quanto é do nosso conhecimento, não existem dados específicos mais recentes relativos a esta situação. Já nos EUA, segundo o *PewResearchCenter* (2014), o recasamento tem vindo a aumentar entre as pessoas com 55 anos ou mais, e mais no sexo masculino (64% homens vs. 52% mulheres). Estes dados vão de encontro aos encontrados no estudo de Buckle, Gallup e Rodd (1996) sobre divórcio e recasamento, bem como na revisão de literatura de Glick (1984). As mulheres divorciadas apresentavam menor probabilidade de se recasarem do que os homens, sendo que a presença de crianças diminuía ainda mais a probabilidade de tal acontecer. Os homens, pelo contrário, quando detentores da custódia dos filhos, tornam-se parceiros mais atrativos e voltam a recasar devido, também, à necessidade de ajuda por parte de uma parceira.

Bell, Daly e Gonzalez (1987) realizaram um estudo focado nas estratégias que os casais usavam para manter o seu relacionamento, quais as mais importantes e aquelas que previam uma maior qualidade conjugal. 162 participantes descreveram o que faziam para manter os seus relacionamentos e, após a análise, os autores identificaram 28 estratégias (e.g., altruísmo, dinamismo, igualdade, honestidade, otimismo, atração física). Nove estratégias foram identificadas como sendo as mais importantes: honestidade, capacidade de ouvir, abertura, afeto físico e verbal, atração física, confirmação do *self*, sensibilidade e suporte/apoio. As mulheres acreditavam que eram mais responsáveis pela manutenção da relação uma vez que se vêem mais envolvidas

neste tipo de estratégias que os seus maridos. Contudo, os autores não conseguiram estabelecer uma relação entre estas estratégias e a qualidade conjugal.

Mas o que leva as pessoas a recasarem? Goetting (1982) atribui importância ao valor do amor romântico, às normas¹ sociais e ambiguidade das mesmas, e instabilidade de papéis. Devido ao *stress* que o divórcio acaba por originar, a pressão para voltar à situação confortável (e já conhecida) do casamento é maior e acaba por direccionar as pessoas para um novo casamento. O recasamento permite, também, a continuação da procura da satisfação conjugal mesmo após uma anterior rutura (Spanier e Furstenberg, 1987).

Clarke e Wilson (1994), com base nos dados estatísticos do *National Center for Health Statistics* (NCHS), compararam diferentes situações: primeiro casamento para ambos os parceiros, recasamento com uma pessoa que nunca se tinha casado (fazendo a diferenciação entre sexos) e recasamento com uma pessoa que já se tinha divorciado. O objetivo era avaliar a estabilidade do recasamento, sendo que os dados mostraram que quando ambos os parceiros eram recasados, estes terminavam mais frequentemente, especialmente durante os primeiros anos. A maior tendência para a rutura na situação em que ambos os parceiros tiveram uma relação conjugal anterior – explicada pela sua maior complexidade estrutural –, foi também apontada por White e Booth (1985), tendo constatado uma probabilidade duas vezes maior do que nas situações de recasamento de apenas um dos parceiros.

Na revisão de literatura efectuada por Cherlin (1978), o autor verificou que as relações de reconjugalidade são mais vulneráveis ao risco de dissolução e mais particularmente em casais com filhos de relações anteriores. Esta é a área privilegiada de *stress* e a que mais interfere na satisfação conjugal segundo o estudo longitudinal de Hetherington (1992) que pretendia examinar as transformações nas relações conjugais, parentais e entre os enteados. Para este maior *stress*, contribui também o “peso” dos estigmas sociais com conotações negativas relativamente ao “padrasto mau” e à “madrasta má” (Valentim de Sousa e Dias, 2014). Coleman, Ganong e Fine (2000) encontraram resultados semelhantes na sua revisão de literatura: a qualidade conjugal é mais pobre quando ambos os adultos têm crianças de relacionamentos anteriores, mais do que quando apenas um tem, provavelmente porque é adicionada uma maior complexidade. No estudo de White e Booth (1985) acerca da influência dos enteados

¹ A designação normas refere-se ao modelo tradicional da família conjugal moderna.

sobre o recasamento, são reportados níveis mais elevados de tensão e desacordo especialmente em tópicos como disciplina, regras e distribuição de recursos para as crianças ou discussões entre padrasto/madrasta e enteados. Os pais percebiam os problemas como sendo causados pelos filhos/enteados, revelando que o recasamento teve um impacto negativo nas relações com estes. Neste estudo, os autores concluem que a existência de enteados está associada a uma diminuição da qualidade de vida da família ou das relações entre pais e filhos, e a um aumento do risco de divórcio.

Esta configuração familiar é, então, ambígua e complexa (Goetting, 1982; Lobo, 1995; Furstenberg e Cherlin, 1991), uma vez que um recasamento envolve o entrelaçamento de duas, três, quatro ou mais famílias (Kunrath, 2006) acabando, também, por ser menos estável devido a factores que não estavam presentes num primeiro casamento, como a presença dos enteados (Martin e Bumpass, 1989, cit. por Hiyoshi, Fall, Netuveli e Montgomery, 2015). Os próprios indivíduos têm, também, histórias de vida complexas (Teachman, 2008), existindo mais oportunidades de conflito que podem originar divisões dentro da família (Cherlin, 1978). Assim sendo, os cônjuges têm de estabelecer uma relação com um sistema familiar de forma diferente da experienciada por casais num primeiro casamento (Hetherington, 1992).

Adicionalmente, e segundo a revisão de literatura efetuada por Goetting (1982), outras diferenças prendem-se com questões financeiras, rede social antiga e a possível ligação ao antigo parceiro particularmente quando existem filhos da anterior relação. Na revisão de literatura efetuada por Coleman, Ganong e Fine (2000), os autores verificaram que devido à falta de apoio social e normas de funcionamento claras após a dissolução da relação, os segundos casamentos incluem pessoas mais fragilizadas que um primeiro casamento e com capacidades de comunicação mais fracas (e.g., maior expressão de criticismo, raiva e irritação), aumentando a probabilidade de dissolução do recasamento. No mesmo sentido, Skinner, Bahr, Crane e Call (2002), no seu estudo comparativo com casais em união de facto, casados e recasados, referem que, no que toca à comunicação, quaisquer diferenças entre pessoas casadas e recasadas podem dever-se a características pessoais e sociais que existiam antes da relação atual ou devido a questões que não se resolveram do casamento prévio e que afetou a qualidade da relação subsequente.

O funcionamento familiar refere-se ao padrão relacional complexo das interações diárias dentro dos membros da família (Minuchin, 1974). Como referido

anteriormente, num recasamento, as relações são menos definidas por normas de funcionamento, portanto, é necessária uma maior flexibilidade e negociação entre os membros da família face à menor coesão nestas famílias, como referido no estudo de Peek (1988), onde o autor compara padrões e níveis de funcionamento nas famílias de casais casados e recasados. No modelo circunplexo de Olson (2000), usado para analisar o funcionamento familiar, uma família funcional apresenta um equilíbrio entre coesão e flexibilidade (Olson, 2011). No estudo de Everri, Manicini e Furggeri (2015), sobre a influência da monitorização parental no bem-estar das crianças e adolescentes para o funcionamento familiar, verificou-se uma associação positiva entre flexibilidade, coesão e monitorização parental, o que vai de encontro aos resultados encontrados por Keitner, Heru e Glick (2009) que constaram que uma família funcional tem uma liderança parental eficaz, fornecendo carinho às crianças, estabilidade organizacional, oferecendo clareza, consistência, sendo adaptáveis e flexíveis na mudança.

Os limites numa família reconstituída podem não estar tão visivelmente marcados como nas famílias biológicas. Assim, limites menos bem definidos poderão afetar a coesão familiar entre padrasto/madrasta-enteado/a (Peek, Bell, Waldren e Sorell, 1988). No entanto, quando não existem crianças, as famílias recasadas assemelham-se às de primeiro casamento pelo que as normas de funcionamento dos primeiros casamentos são aplicadas a estes casos (Cherlin, 1978). Não obstante, a família reconstituída deve ser vista como resultado de um processo de transições familiares (Lobo, 1995) e importa referir que as exigências do sistema familiar variam conforme a fase do ciclo de vida em que se encontram (Keitner, Hery e Glick, 2009). Segundo a tipologia do Modelo do Ajustamento e Adaptação da Família (McCubbin e McCubbin, 1989), no geral, a família mantém uma resistência e recursos adaptativos internos que variam em força e resiliência ao longo do ciclo de vida.

Frequentemente, o período de tempo entre um divórcio e recasamento é curto sendo que os casais não têm tempo para se preparar para o recasamento (Mirecki, Chou, Elliott e Schneider, 2013). Ao mesmo tempo que se conhece a si mesmo, o casal dedica-se aos cuidados dos filhos e aos desafios inerentes a esta fase de vida, como refere Kunrath (2006) no seu estudo de caso de uma família onde ambos os cônjuges tinham já passado por casamentos anteriores. Há, portanto, uma dificuldade no fortalecimento da sua intimidade (Carter & McGoldrick, 1995).

Albrecht (1979) realizou um estudo sobre satisfação conjugal no recasamento com uma amostra de 500 pessoas, das quais 369 eram recasadas, tendo concluído que os fatores preditores da mesma diferem do primeiro para o segundo casamento. A maior parte dos recasados revelou uma percepção mais positiva do atual casamento comparativamente com o anterior, referindo que as experiências prévias facilitam o ajustamento ao segundo casamento. Também com o propósito de analisar as diferenças entre casados e recasados, Mirecki *et al.* (2013) realizaram um estudo em que as variáveis consideradas foram o sexo, duração do casamento, nível educacional e acompanhamento psicológico. Os participantes que se encontravam num primeiro casamento reportaram níveis de satisfação conjugal mais elevados do que os que se encontravam na situação de recasamento. Como já referido, o recasamento é, por norma, mais complexo, uma vez que implica uma reorganização com a qual os casais de primeira vez não têm com que se preocupar. Por exemplo, numa situação em que existam enteados, a fase de “lua-de-mel” não é algo que esteja presente. Geralmente, não têm um período de tempo onde possam, de forma gradual, habituar-se a um conjunto de regras antes da introdução das crianças à união. Ao invés, dão por si numa situação em que estas regras já estão previamente estabelecidas. Apesar do nível educacional não ter efeito na satisfação conjugal em primeiros casamentos, teve uma relação positiva nos recasamentos. Um dos resultados deste estudo demonstrava que os participantes em situação de recasamento e com maiores níveis de educação reportavam níveis de satisfação conjugal mais elevados do que os que tinham níveis educacionais mais baixos. Os autores sugerem, também, que um maior nível educacional pode traduzir uma maior capacidade financeira. Nesta situação, quando as mulheres procuram um parceiro após o divórcio, são mais minuciosas na sua escolha e, portanto, encontram-se mais satisfeitas quando voltam a casar. Finalmente, os casais que estavam a ter acompanhamento psicológico reportaram menores níveis de satisfação conjugal, o que pode sugerir níveis mais elevados de *stress*.

Na revisão de literatura efetuada por Karney (2015), o autor referiu que a cada dia do seu casamento, os parceiros têm a oportunidade de refletir sobre a evolução da qualidade da relação, pelo que podem fornecer uma avaliação mais positiva ou negativa sobre a mesma. Com o objectivo de examinar a satisfação no recasamento, Vemer, Coleman, Ganong e Cooper (1989) conduziram uma meta-análise aos resultados de 34 estudos anteriores de onde retiraram algumas conclusões. Apesar de existir uma

diferença no que toca à satisfação conjugal entre primeiros e segundos casamentos, onde os participantes relatam maior satisfação no primeiro, a diferença não é significativa. Quanto a diferenças de sexos, os homens mostram-se mais satisfeitos do que as mulheres embora a diferença não seja também significativa. Para as mulheres, as razões para estarem menos satisfeitas num segundo casamento prendem-se, essencialmente, com o desafio da parentalidade dos enteados. Os autores referem ainda que existem mulheres com filhos que voltam a casar porque precisam de segurança económica ou para obterem assistência no lidar com as crianças.

Podemos concluir que existem algumas diferenças entre um primeiro casamento e um recasamento como as nomeadas por Furstenberg e Spanier (1984): existência de ex-cônjuges e consequente comunicação entre ambos, principalmente quando existem crianças de casamentos anteriores; o primeiro casamento acaba por servir, na maior parte das vezes, para quem o viveu, como base de comparação para o segundo; ocorrem em momentos diferentes da vida dos indivíduos onde existem mudanças de personalidade, maior maturidade, acumulação de experiências de vida, mudanças de *status* social económico; os homens e as mulheres que se recasam não pertencem, por vezes, ao mesmo grupo geracional, tendo idades e experiências de vida diferentes. O segundo casamento é ainda visto como sendo mais pragmático, menos romântico, mais aberto ao comunicar para enfrentar conflitos e mais igualitário na educação das crianças e nas regras relativamente à vida doméstica, como refere Hetherington (1992) na sua revisão de literatura. As questões económicas num recasamento são mais complicadas. Existe uma maior probabilidade de que cada elemento do casal tenha os seus próprios recursos financeiros sob controlo individual devido às responsabilidades financeiras das crianças das várias uniões e também pelo desejo de independência financeira. Relativamente aos deveres da casa, apesar das mulheres fazerem a maior parte do trabalho doméstico, os homens recasados fazem-no mais do que homens em primeiros casamentos (Coleman, Ganong & Fine, 2000). Num segundo casamento, a integração da família parece requerer um mínimo de dois ou três anos para que uma nova estrutura permita aos membros da família prosseguirem emocionalmente (Carter & McGoldrick, 1995). É importante dar tempo para que, sobretudo através dos esforços de ambos os parceiros, a identidade da nova família seja solidamente estabelecida (Valentim de Sousa & Dias, 2014).

Em suma, é fulcral perceber que o *stress* é uma componente do dia-a-dia e embora o recasamento seja uma experiência mais complexa devido à sua estrutura, a qualidade conjugal parece não apresentar diferenças significativas entre o casamento e o recasamento. Por conseguinte, é importante compreender os fenómenos de *stress* e *coping* entre o casal.

***Stress e Coping* Diádico**

Segundo Bodenmann (2005), *stress* diádico é definido como um acontecimento *stressante* específico que afeta ambas as partes e que desencadeia esforços de *coping* de ambos os parceiros. Pode ser composto apenas por *stress* individual que não está resolvido e que começa a afetar o parceiro ou pode, também, referir-se a esforços individuais que entram em conflito com a ajuda e as expectativas do parceiro (Bodenmann, 1997). Pode ser classificado segundo três dimensões: a forma como cada parceiro é afetado pelo evento que despoletou o *stress*, a sua origem e o momento em que o casal começou a ser afetado pelo evento (Randall e Bodenmann, 2009).

O *stress* pode minimizar o tempo que os parceiros passam juntos, reduzindo oportunidades para experiências comuns. De forma gradual corrói as relações a um nível inconsistente (Bodenmann, Charvoz, Cina e Widmer, 2001), existindo uma associação negativa entre *stress*, satisfação e qualidade conjugal (Bodenmann e Shantinath, 2004). Como consequência, estão menos disponíveis emocionalmente e a qualidade da comunicação diádica diminui, uma vez que quando os parceiros estão *stressados* têm mais padrões de comunicação negativa (Bradbury, Finchman, Beach, 2000) que são preditores de fraco funcionamento familiar e maiores níveis de divórcio.

Coping diádico refere-se aos esforços de um ou de ambos os parceiros para enfrentarem e gerirem eventos de *stress*, ajudando a manter e a restaurar o sistema diádico nas vertentes estruturais, funcionais, comportamentais, emocionais e sociais. Pode ser positivo ou negativo e tem dois objetivos primários: a redução do *stress* de cada parceiro e o aumento da qualidade relacional (Bodenmann, 2005; Cutrona e Gardner, 2006; Levesque, Lafontaine, Caron, Flesch, Bjornson, 2014). As respostas de *coping* diádico podem ser divididas entre focadas nas emoções – regulando a resposta emocional a um *stressor* –, ou nos problemas – alterando a situação *stressante*.

O *coping* diádico positivo é definido como reações positivas de apoio ao parceiro aquando de sinais de *stress* deste, tais como compreensão empática, mostrar solidariedade ou o ser encorajador. Sendo pró-relação, mostra um esforço de um parceiro para apaziguar o *stress* do outro, proporcionando-lhe apoio emocional (Landis *et al*, 2014). Alimenta uma sensação de confiança mútua, compromisso e a percepção de que o relacionamento é uma fonte de apoio em circunstâncias difíceis. Num estudo longitudinal de cinco anos, os resultados revelaram que os casais com maiores níveis de satisfação conjugal eram os que apresentavam *coping* diádico positivo (Bodenmann, 2005). Por sua vez, o *coping* diádico negativo é visto como comportamentos negligentes: não há valorização ou apreciação do parceiro, há crítica excessiva (Landis *et al*, 2014), hostilidade, ambivalência (Bodenmann, 2005), o que influencia negativamente a satisfação relacional.

Tanto o *coping* positivo como o negativo são os melhores preditores (respetivamente, positivos e negativos) da satisfação relacional (Landis, Peter-Wight, Martin e Bodenmann, 2013). Isto vem reforçar o papel central do esforço conjunto de ambos os parceiros para colaborarem na gestão do *stress* (Falconier, Jackson, Hilpert e Bodenmann, 2015) levando a uma confiança mútua, intimidade e solidariedade. Mais do que a presença de interações negativas, a ausência de interações positivas é crucial para a predição de divórcio. A reciprocidade também é muito importante (Landis *et al*, 2014). Numa estrutura diádica pouco balanceada, se um parceiro está sempre a fornecer suporte e o outro está sempre na posição de a receber, pode dar origem à sua recusa (Bodenmann, 1995).

Ambos os construtos, *coping* e *stress* diádico, são importantes para a compreensão da dinâmica da relação (Bodenmann e Randall, 2012). O bem-estar de um parceiro depende do bem-estar do outro, bem como da respetiva integração no ambiente social (Bodenmann, 2005). Assim, a insatisfação conjugal é um forte preditor de *distress* emocional em ambos os sexos (Røsand, Slinning, Eberhard-Gran, Royasamb, Tambs, 2012). Stets (1993) afirma que as relações, após o término de um casamento, devem ser influenciadas pela aprendizagem das capacidades necessárias ao *coping*, para que, então, a nova relação seja ainda melhor do que a anterior.

Herzberg (2013), no seu estudo sobre *coping* individual e diádico, concluiu que o *coping* diádico está relacionado com a satisfação conjugal muito mais que o *coping* individual. Replicando o estudo de Papp e Witt (2010), que incide sobre a ligação entre

ambos os estilos de *coping* e os seus contributos para a relação, chegaram à conclusão que o *coping* diádico dos homens, positivo ou negativo, era irrelevante para as mulheres no que toca à satisfação relacional. Contudo, relativamente à qualidade conjugal, o *coping* individual e do parceiro já era relevante ao passo que, para os homens, apenas o seu próprio *coping* era preditivo de qualidade conjugal. Esta diferença entre sexos reflete a importância das relações na vida das mulheres bem como o facto de estas se envolverem em comportamentos mais pró-relação que os homens (Impett & Peplau, 1996, cit. por Herzberg, 2013).

Contudo, no estudo longitudinal de Bodenmann, Pihet e Kayser (2006), com o objetivo de avaliar o impacto do *coping* diádico na satisfação conjugal ao longo do tempo, os resultados indicaram que para ambos os sexos, o *coping* diádico é importante para a satisfação conjugal. Resultados semelhantes foram encontrados em Bodenmann e Cina (2005) no seu estudo longitudinal de cinco anos, comparando casais estáveis/satisfeitos com separados/divorciados: chegaram à conclusão que o *coping* diádico é um preditor forte da estabilidade da relação. No mesmo sentido, um outro estudo (Rogge, 2002, cit. Bodenmann e Cina, 2005) revelou também que os casais tinham maiores probabilidades de se divorciarem após três anos quando as esposas percebiam um maior nível de *stress* nas suas vidas no início do seu casamento. No estudo de Fowers (1991) com o objetivo de analisar diferenças na satisfação conjugal dentro do casal, uma das conclusões retirada foi que o *stress* afeta a vida sexual das esposas sendo que, comparativamente aos maridos na mesma situação, estas reportaram menor felicidade.

Há casais que são mais vulneráveis ao *stress* devido ao facto de terem formas inadequadas de resolverem os problemas (Cohan e Bradbury, 1997). O *Couples Coping Enhancement Training* (CCET), um programa de prevenção de *stress* para casais, de Bodenmann, Charvoz, Cina e Widmer (2001), vem dar uma resposta a estes casos. Composto por seis unidades em sessões de três horas, demonstraram resultados muito positivos onde mesmo após um ano, os casais reportaram uma melhoria na sua qualidade conjugal.

Embora o *coping* diádico e a satisfação conjugal sejam cada vez mais estudados, tanto quanto é do nosso conhecimento, parece existir uma lacuna no âmbito da reconjugabilidade. As famílias reconstituídas têm sido fruto de interesse ao longo dos tempos e a pertinência do seu estudo prende-se com o facto de ser um fenómeno cada

vez mais frequente nos tempos atuais. Muitos investigadores e clínicos consideram que a relação de casal – quer em famílias intactas, quer em famílias reconstituídas - é a mais importante na família pois constitui uma base estável para o funcionamento familiar. É preditiva de competências parentais e formas eficientes de resolver os problemas mas também de relações familiares mais eficazes e satisfatórias (Vemer *et al*, 1989). É, portanto, fundamental o estudo da relação conjugal e do seu impacto no sistema familiar.

O presente estudo pretende, pois, analisar comparativamente as variáveis funcionamento familiar, *coping* diádico e satisfação conjugal em situação de conjugalidade intacta e de recasamento, perceber as relações entre tais variáveis, bem como analisar o impacto do *coping* diádico e da satisfação conjugal no funcionamento familiar. Em concordância com as evidências reveladas pela revisão de literatura, esperamos encontrar diferenças significativas entre conjugalidades intactas e recasamentos, com valores mais elevados de *coping* diádico, satisfação conjugal e funcionamento familiar nas conjugalidades intactas (Hipótese 1). Espera-se também que, no total da amostra, as diferentes variáveis apresentem correlações entre si (Hipótese 2), bem como (Hipótese 3) que o *coping* diádico e a satisfação conjugal contribuam positivamente para o funcionamento familiar.

Método²

Participantes

A amostra é constituída por 63 pessoas com idades compreendidas entre os 30 e os 50 anos ($M = 40.69$; $DP = 5.043$). Em termos de configuração familiar, 43 participantes (68.3%) estavam numa situação de conjugalidade intacta e 20 (31.7%) na situação de recasamento³. A maior parte dos participantes era do sexo feminino (71.4%) e, a nível de escolaridade, a maioria tinha frequentado o ensino superior (63.5%). O número de filhos biológicos variava entre 1 e 4 ($M = 1.79$; $DP = 0.750$). A maior parte dos participantes vivia na zona da Grande Lisboa (74.6%) e nunca teve acompanhamento psicológico (79.4%) embora alguns (17.5%) tenham tido no passado. Em termos de religiosidade, a maioria era crente (65.1%) mas com prática religiosa pouco frequente (48.2%).

Procedimento

A amostra é não probabilística pois não usa formas aleatórias de seleção (Marotti *et al.*, 2008). Consideraram-se os seguintes critérios de inclusão: envolvimento numa relação conjugal atual (intacta ou de recasamento) há, pelo menos, um ano; os participantes terem pelo menos um filho (biológico ou adotado) com idade compreendida entre 6 e 12 anos.

O processo de recolha decorreu presencialmente e *online*. A recolha presencial foi efetuada através do método “bola de neve” com recurso às redes sociais informais da equipa de investigação. A recolha *online* processou-se através da plataforma Qualtrics com um *link* que foi colocado nas redes sociais informais da equipa de investigação para que pudesse abranger uma maior quantidade de pessoas.

O preenchimento dos protocolos durava cerca de 40 minutos. As primeiras páginas do protocolo continham informação sobre a contextualização e finalidade do estudo, critérios de participação, garantia de anonimato e confidencialidade dos dados, informação sobre o Serviço à Comunidade da FPUL, consentimento informado, e instruções específicas de preenchimento.

² O presente estudo, enquadrado numa investigação mais vasta sobre parentalidade e divórcio orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso, foi aprovado pela Comissão de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa em 2015.

³ O termo “recasamento” designa, neste estudo, casamentos efetivos, união de facto e coabitação conjugal há pelo menos um ano,

Variáveis e Instrumentos

O presente estudo centra-se em três variáveis: satisfação conjugal, funcionamento familiar e *coping* diádico.

A satisfação conjugal foi avaliada através da *Kansas Marital Satisfaction Scale* (KMSS: Schumm *et al.*, 1986; versão portuguesa: Antunes, Francisco, Pedro, Ribeiro & Santos, 2014). No estudo de adaptação para a população portuguesa, a escala apresentou níveis elevados de consistência interna com um valor de $\alpha = .98$, o que se verificou também no presente estudo, tendo sido obtido um valor de $\alpha = .99$. Esta escala é constituída por três itens (e.g., *Em que medida está satisfeito(a) com o(a) seu/sua companheiro(a) enquanto cônjuge?*) onde é avaliado o grau de satisfação com a relação do casal numa escala de Likert que varia entre 1 (*extremamente insatisfeito/a*) a 7 (*extremamente satisfeito/a*).

O SCORE-15 (versão original de Stratton, Bland, Janes & Lask, 2010; versão portuguesa de Vilaça, Silva & Relvas, 2014) foi utilizado para analisar o funcionamento familiar. Este instrumento avalia três dimensões da família, os recursos (forças) familiares (e.g., *Confiamos uns nos outros*), comunicação na família (e.g., *Na minha família, muitas vezes não se diz a verdade uns aos outros*) e as dificuldades familiares (e.g., *Sentimos que é difícil enfrentar os problemas do dia-a-dia*). É constituída por 15 itens com uma escala de Likert variando entre 1 (*descreve-nos muito bem*) e 5 (*descreve-nos muito mal*). Na versão portuguesa, obteve uma boa consistência interna ($\alpha = .84$) e neste estudo, o SCORE-15 apresenta um valor razoável de consistência interna ($\alpha = .80$). Ao nível dos recursos da família, obteve-se um $\alpha = .78$, na comunicação da família, $\alpha = .64$, e nas dificuldades da família, $\alpha = .68$.

Finalmente, para avaliar o *coping* diádico foi utilizado o Inventário *Coping* Diádico (versão original: Bodenmann, 2008; versão portuguesa: Vedes, Nussbeck, Bodenmann, Lind, & Ferreira, 2013). Na versão portuguesa, a consistência interna teve valores entre $\alpha = .94$ (homens) e $\alpha = .95$ (mulheres). Neste estudo, apresenta também um valor excelente de consistência interna com $\alpha = .98$. Relativamente às dimensões utilizadas, os valores foram também elevados, com $\alpha = .93$ para o *coping* do *self*, $\alpha = .92$ para o *coping* do parceiro e $\alpha = .96$ para o *coping* conjunto. A escala tem por objetivo avaliar a forma como os parceiros lidam com o *stress* e está dividida em 6 secções: a

forma como comunica o *stress* ao parceiro (e.g., *Quando tenho demasiadas coisas para fazer, peço ao meu parceiro(a) que faça coisas por mim*), a forma como o parceiro faz sentir o participante quando este se sente *stressado* (e.g., *O meu parceiro(a) mostra-me empatia e compreensão*), como o parceiro comunica que se está a sentir *stressado* (e.g., *O meu parceiro(a) pede-me que faça coisas por ele/ela quando tem demasiadas coisas para fazer*), o que participante faz quando o parceiro demonstra que está *stressado* (e.g., *digo ao meu parceiro(a) que o seu stress não é assim tão mau e ajudo-o(a) a ver a situação de outra perspectiva*), e, por fim, a sexta secção refere-se ao que ambos fazem quando se sentem *stressados* (e.g., *Ajudamo-nos mutuamente a colocar o problema em perspectiva e a vê-lo de outra forma*). A escala Likert é de 5 pontos sendo que varia entre 1 (*muito raramente*) e 5 (*com muita frequência*).

Para a recolha de dados relativos a variáveis sociodemográficas foram solicitadas informações como o sexo, idade, local de residência, escolaridade, a situação profissional, as situações conjugais atuais e passadas, o agregado familiar, se o participante teve/tinha acompanhamento psicológico/psiquiátrico e, por fim, se era crente ou não.

Análise de Dados

Para a análise de dados, utilizou-se o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 23.0 (IBM, SPSS Inc.). Fez-se também uma análise das variáveis contínuas e categoriais para caracterização da amostra (médias, desvio-padrão, percentagens).

Para a análise das diferenças de médias, devido ao reduzido tamanho da subamostra de participantes recasados, recorreu-se ao uso do teste não paramétrico (Pereira, 2006) de Mann-Whitney, uma vez que este permite a sua comparação em duas amostras independentes (Laureano, 2011). Na análise correlacional, usou-se o coeficiente de Spearman. De acordo com os valores de referência, uma relação é fraca quando r varia entre .10 e .29, média entre .30 e .49, e forte quando igual ou superior a .50 (Pallant, 2007).

Finalmente, para a análise de regressão múltipla, e considerando a reduzida dimensão da amostra, e os resultados das diferenças de médias e do estudo correlacional, considerou-se como variáveis independentes *coping* do *self*, *coping* do

parceiro, *coping* conjunto e satisfação conjugal, sendo a variável dependente os recursos familiares. Foi usado um teste *standard* com o intuito de compreender quais as variáveis que contribuem para os recursos familiares.

Resultados

Comparação de Médias

Efetuarão-se testes Mann-Whitney para amostras independentes por forma a analisar diferenças na satisfação conjugal, *coping* diádico, e funcionamento familiar em função do status de relacionamento (recasado ou intacto). Os resultados mostram que não existem diferenças significativas entre os dois grupos de participantes (conjugalidade intacta vs. recasamento): no que se refere à satisfação conjugal, verifica-se nos recasados (Md= 6.00, n= 18) e casados (Md=6.33, n= 38), $U = 294$, $z = -.87$, $p=.39$, $r= 0.11$; relativamente ao *coping* do *self*, constata-se nos recasados (Md= 4.43, n= 18) e casados (Md= 4.14, n= 35), $U= 275.5$, $z= -.74$, $p= .46$, $r= .1$; no *coping* do parceiro, nos recasados (Md= 4.04, n= 16) e casados (Md= 3.93, n= 35), $U= 265$, $z= -.31$, $p= .76$, $r=.04$; para no *coping* conjunto, nos recasados (Md= 4.2, n= 18), $U= 283.5$, $z= -1.03$, $p= .30$, $r= .14$. Relativamente ao funcionamento familiar/-recursos familiares, para os recasados (Md= 1.8, n= 20) e casados (Md= 1.4, n= 43), $U= 359$, $z= -1.06$, $p= .29$, $r= .13$; no funcionamento familiar/-comunicação familiar, nos recasados (Md= 1.6, n= 20) e casados (Md= 1.6, n= 43) $U= 414$, $z= -.24$, $p= .81$, $r= .03$; e no funcionamento familiar/-dificuldades familiares, nos recasados (Md= 1.7; n= 20) e casados (Md=1.6, n= 42), $U= 332$, $z= -1.3$, $p= .18$, $r= .17$.

Análise de Correlações⁴

Através do coeficiente de correlação de Spearman, e relativamente ao funcionamento familiar, os resultados revelaram que os recursos da família estão positiva e moderadamente associados à comunicação e às dificuldades dentro da mesma. Apenas na variável recursos familiares, foram apresentadas correlações significativas com o *coping* diádico. Para as suas dimensões, *coping* do *self*, do parceiro e conjunto, as correlações são fortes e negativas. Os recursos familiares apresentam uma correlação negativa e moderada com a satisfação conjugal.

⁴ Note-se que o instrumento SCORE que avalia o funcionamento familiar, por ser uma escala de avaliação clínica, apresenta os resultados pela negativa, ou seja, quanto mais elevados os resultados, pior o funcionamento familiar.

O *coping* do *self* encontra-se positiva e fortemente associado ao *coping* do parceiro e ao *coping* conjunto. A satisfação conjugal apresenta correlações positivas e fortes com todas as dimensões do *coping*. As correlações são apresentadas em detalhes na Tabela 1.

Tabela 1.

Correlações entre variáveis

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
|----------------------------|-------|---------|--------|-------|--------|--------|--------|---|
| 1. Sexo | - | | | | | | | |
| 2. Recursos familiares | -.022 | - | | | | | | |
| 3. Comunicação familiar | .128 | .292* | - | | | | | |
| 4. Dificuldades familiares | 0.048 | .329** | .488** | - | | | | |
| 5. <i>Coping self</i> | .066 | -.550** | -.156 | -.094 | - | | | |
| 6. <i>Coping</i> parceiro | .055 | -.566** | -.123 | -.152 | .849** | - | | |
| 7. <i>Coping</i> conjunto | -.002 | -.553** | -.185 | -.135 | .819** | .702** | - | |
| 8. Satisfação conjugal | .118 | -.485** | -.109 | -.225 | .540** | .652** | .596** | - |

Nota. ** $p < .01$ e * $p < .05$

Análises de regressão⁵

Conduziu-se uma regressão linear simples em que a variável dependente era recursos familiares, sendo as variáveis independentes a satisfação conjugal, o *coping* do *self*, do parceiro e conjunto. Análises preliminares demonstraram que não existia colinearidade sendo que, portanto, a interpretação dos resultados não estaria comprometida. Devido ao facto da amostra ser pequena, ponderou-se o valor apresentado no *adjusted R square*, sendo que este modelo explica 28.5% da variância ($R^2 = .285$). Os resultados revelaram que apenas o *coping* do parceiro obteve um resultado significativo, contribuindo para os recursos familiares. Os resultados são apresentados em detalhe na tabela 2.

⁵ Idem.

Tabela 2*Análise de Regressão Múltipla para a variável dependente recursos familiares*

| Variáveis preditoras | Coeficientes não estandardizados | | Coeficientes estandardizados | | |
|------------------------|-------------------------------------|-----------|---------------------------------|----------|-------------|
| | <i>B</i> | <i>EP</i> | β | <i>t</i> | <i>Sig</i> |
| <i>Coping self</i> | .175 | .200 | .279 | .876 | .386 |
| <i>Coping</i> parceiro | -.307 | .144 | -.556 | -2.133 | .039 |
| <i>Coping</i> conjunto | -.147 | .131 | -.259 | -1.118 | .270 |
| Satisfação conjugal | -.068 | .090 | -.129 | -.753 | .455 |

Nota. EP = Erro padrão; * $p < .05$.

Discussão

O objetivo principal do presente estudo era analisar comparativamente as variáveis funcionamento familiar, *coping* diádico e satisfação conjugal, bem como as relações entre elas, especificamente, na situação de conjugalidade intacta e de recasamento.

A primeira hipótese colocada prendia-se com o encontrar-se diferenças significativas entre conjugalidade intacta e recasamento, sendo expectável encontrarem-se valores mais elevados das variáveis na primeira situação. Contudo, os resultados não revelaram diferenças significativas para *coping* diádico, funcionamento familiar e satisfação conjugal.

Devido ao facto de os recasamentos terem taxas de dissolução mais elevadas que os primeiros casamentos, poderá pensar-se que tal esteja relacionado com a satisfação conjugal sentida pelos parceiros em ambas as situações. No entanto, pode também estar relacionado com a diferença de atitudes perante o divórcio sendo que as pessoas optam por este quando menos satisfeitas na sua relação (Whitton *et al*, 2013). Ao nível da satisfação conjugal, a literatura ainda não é congruente neste aspeto. Apesar de a maior parte dos estudos defender que a satisfação conjugal é mais elevada em situações de conjugalidade intacta (*e.g.* Mirecki *et al*, 2013), outros apontam para o resultado oposto (*e.g.* Albrecht, 1979) e muitos, ainda, reportam não existir diferenças significativas (*e.g.* Vemer *et al*, 1989) tal como indicam os resultados do presente estudo. Também DeMaris (1984), no seu estudo comparativo entre primeiros casamentos e recasamentos, não encontrou diferenças significativas relativamente à satisfação conjugal.

Relativamente ao *coping* diádico, há uma grande lacuna na literatura no que se refere à comparação entre casais intactos e recasados. A literatura empírica sobre *coping* diádico em conjugalidades normativas é consensual quanto à sua forte associação com a satisfação conjugal (Bodenmann, 2005; Herzberg, 2013; Bodenmann, Pihet e Kayser, 2006). No presente estudo, não foram encontradas diferenças significativas entre casais intactos e recasados em termos de *coping* diádico. É possível que este se encontre mais relacionado com outros aspetos, tal como o compromisso do parceiro na relação, mais do que com o *status* desta. Em conformidade com o esperado, as dimensões de *coping* do *self*, do parceiro e conjunto revelaram estar fortemente associadas entre si.

Relativamente ao funcionamento familiar, quando na nova família existem enteados, estes podem ser sentidos como factores de *stress* pelo casal, o que pode ter um impacto negativo na funcionalidade familiar (Cherlin, 1978; Hetherington, 1992; White e Booth, 1985). Os resultados encontrados neste estudo indicaram que não existem diferenças significativas entre casais intactos e recasados, o que também pode ser explicado pela pequena dimensão da sub-amostra de participantes recasados.

Segundo MacDonald e DeMaris (1995), no seu estudo sobre conflito em famílias recasadas, os autores não encontraram diferenças significativas entre primeiros casamentos e recasamentos. Contudo, existiram diferenças entre casais com apenas um ou ambos os parceiros recasados. Na segunda situação, o conflito era menor, talvez porque, como defendido pelos autores, ambos têm expectativas mais realistas sobre o casamento devido à sua experiência anterior. Quando na presença de crianças, os conflitos não eram diferentes quando existiam crianças biológicas em simultâneo. Os enteados que tenham sido criados pelos/as padrastos/madrastas desde infância vêem-no/a como outro pai/mãe. Para os adolescentes, as novas relações funcionarão melhor se o enteado perceber que o/a padrasto/madrasta traz recursos para a família e se esforça para manter uma boa amizade consigo. Verifica-se o mesmo para quando os padrastos/madrastas são vistos como mais flexíveis sem tentarem, desde o início da relação, disciplinar os enteados

Por forma a examinar as diferentes associações, analisou-se as correlações entre recursos, comunicação e dificuldades familiares, *coping* do *self*, do parceiro e conjunto e satisfação conjugal, sendo que de acordo com a nossa segunda hipótese, esperávamos encontrar correlações entre todas. No entanto, os resultados não foram de encontro ao esperado. No que diz respeito às dimensões recursos, comunicação e dificuldades familiares, apenas os recursos familiares apresentaram correlações negativas com as dimensões de *coping* e com a satisfação conjugal, ou seja, quanto maior a falta de recursos, isto é, a falta de forças/competências na família, menor o *coping* diádico e a satisfação conjugal.

Segundo Barker e Chang (2013), o subsistema conjugal é fundamental para um bom funcionamento familiar. Para tal, a relação conjugal tem de ser satisfatória sendo que o *coping* diádico desempenha um papel muito importante neste aspeto. Ainda de acordo com a análise correlacional efetuada, os resultados mostram uma forte associação entre recursos familiares e as dimensões de *coping* eram fortes, indicando

que quanto menos os recursos (forças e competências) da família, menor é o *coping* diádico positivo, indo ao encontro do defendido pelos autores (Barker e Chang, 2003). Quanto à satisfação conjugal, a correlação era moderada. Como já referido anteriormente, a literatura apresenta uma forte relação entre a satisfação conjugal e o *coping* diádico (Bodenmann, 2005; Landis, Peter-Wight, Martin e Bodenmann, 2013; Herzberg, 2013; Bodenmann, Pihet e Kayser, 2006; Bodenmann e Cina, 2005). Poderemos, assim, partir para uma linha de leitura onde possa ser estabelecida uma relação entre satisfação conjugal e funcionamento familiar (particularmente, recursos familiares), dadas as relações evidenciadas na literatura e no presente estudo, entre satisfação conjugal e *coping* (Levesque, Lafontaine, Caron, Flesch, Bjornson, 2014; Bodenmann, 2005), e a importância do *coping* para o funcionamento familiar (particularmente, recursos familiares) (Bodenmann, Pihet e Kayser, 2006; Bodenmann e Cina, 2005; Landis *et al.*, 2014).

Na terceira hipótese, esperava-se que o *coping* diádico e a satisfação conjugal contribuíssem positivamente para o funcionamento familiar. Procedeu-se a uma análise de regressão múltipla para se proceder a uma exploração mais sofisticada das relações estabelecidas entre as diferentes variáveis. De acordo com os resultados obtidos na análise correlacional, colocou-se os recursos familiares enquanto variável dependente e as dimensões de *coping* e a variável da satisfação conjugal como variáveis independentes. Os resultados, mais uma vez, não foram ao encontro do esperado sendo que a única variável preditora dos recursos familiares foi a do *coping* do parceiro. Segundo Stratton *et al.* (2014), os recursos familiares dizem respeito às forças da família no que toca à adaptação face a novos desafios. O *coping* positivo do parceiro, está relacionado com comportamentos que visam promover a relação no sentido em que fornece apoio e suporte emocional para lidar com o *stress* (Landis *et al.*, 2014).

Limitações

A principal limitação do estudo encontra-se relacionada com o tamanho da amostra. Para além da dimensão da amostra ser reduzida, os participantes que se encontravam em situação de recasamento não eram em número suficiente para permitir uma comparação precisa com a situação de conjugalidade intacta. Ao nível da amostra, outras limitações se impõem: a maior parte dos participantes era do sexo feminino, não havendo uma homogeneidade ao nível da distribuição da variável sexo. O processo de

recolha de dados também não foi uniforme, uma vez que houve quem preenchesse o protocolo *online* e quem o fizesse presencialmente. O facto de se tratar de uma amostra de conveniência, baseada apenas na disponibilidade dos participantes e na sua acessibilidade, tem como consequência a impossibilidade de se fazerem generalizações para a população. Sendo assim, atendendo a todas estas particularidades, os resultados têm de ser interpretados com algum cuidado.

Ao nível da análise de dados, uma amostra tão pequena pode originar problemas. De facto, muito dos resultados esperados não foram significativos, sendo que tal pode estar relacionado com a dimensão da amostra. Correlações elevadas podem, também, estar ligadas a este mesmo fator.

Apesar de haver literatura que relaciona *coping* diádico com satisfação conjugal, o mesmo não acontece para o funcionamento familiar. Ao mesmo tempo que se torna um dos contributos deste estudo, vê-se, contudo, constrangido pela falta de suporte na literatura, dando origem a alguns entraves no que toca à interpretação dos resultados obtidos. Ainda sobre o estudo específico do funcionamento familiar, temos o exemplo dos protocolos terem apenas acesso à perspetiva dos pais. Seria importante o contributo das crianças e dos enteados para se poder aprofundar o conhecimento nesta área e, sobretudo, ao nível do *stress* familiar tão mencionado na literatura.

Conclusão

Este estudo tenta fornecer algumas luzes sobre a relação entre funcionamento familiar, satisfação conjugal e *coping* diádico e pode contribuir para a investigação feita sobre o recasamento. No entanto, beneficiaria, em larga escala, se replicado com uma amostra maior pois poderia oferecer um conjunto de resultados mais significativos e extrapoláveis. A interpretação dos resultados poderia, assim, ser diferente e mais adequada à população em geral.

Seria interessante compreender que recursos em específico contribuem para o *coping* diádico e, conseqüentemente, para uma boa satisfação conjugal. De outra perspectiva, poder-se-ia averiguar que eventos familiares são mais stressantes e que estratégias de *coping* diádico seriam as mais eficazes para lidar com os diferentes acontecimentos. Nesta linha de pensamento, em última instância, verificar como a satisfação conjugal flutuaria conforme estas situações acrescentaria valor à investigação científica e, mais especificamente, em função de diferentes configurações familiares.

Apesar do *coping* diádico ser um conceito recente e cada vez mais alvo de investigação, seria interessante estudar mais a fundo a contribuição individual para esse mesmo fenómeno, atendendo particularmente a diferenças de género. Também a expansão de estudos empíricos sobre a relação entre funcionamento familiar e *coping* diádico constitui um tema relevante para investigação.

Existem diversos programas de intervenção com casais recasados. Crosbie-Burnett (1989) estudou a aplicação do modelo de *stress* ABCX Duplo por forma a estudar o ajustamento destes casais. Hawkins, Blanchard, Baldwin e Fawcett (2008) estudaram o impacto de programas CRE (*Couple and Relationship Education*) com resultados não significativos, chamando à atenção para a melhoria destes programas. Também aplicado ao casal mas mais direccionado a competências parentais, Forgatch, DeGarmo e Beldavs (2005) aplicaram o PMTO (*Oregon model of Parent Management Training*) com resultados positivos estendidos também ao contexto escolar.

Assim, e atendendo ao contexto português, seria viável a criação de um programa desta índole. A nível de intervenção, sendo o casal o subsistema mais importante no bom funcionamento familiar e devido à falta de suporte que estes casais encontram no que se refere a normas sociais, tal como já referimos, seria interessante desenvolver um programa de adaptação a esta nova fase das suas vidas. Para além de se trabalharem áreas como o *coping* diádico, seria útil trabalhar a integração dos enteados

na nova família bem como estabelecimento de limites entre padrastos/madrastas e enteados, uma vez que é uma relação potencialmente conflituosa e, se trabalhada corretamente, pode contribuir para um bom ambiente familiar. As expectativas que o novo casal traz para a nova relação também são importantes e intervir no sentido de apaziguar ou estabelecer objetivos mais realistas que cada um tenha, poderá beneficiar ambos os parceiros. Neste sentido, o objetivo de ajustar expectativas à realidade, fará com que problemas que tenham dado origem a conflitos nas relações anteriores possam ser debatidos num ambiente calmo e seguro.

Os casais que se mantêm satisfeitos nos seus casamentos têm menores níveis de *stress* e maiores níveis de felicidade (Halford, Sanders e Behrens, 2001). Por conseguinte, trabalhar estas áreas poderá apresentar um valor muito positivo para os casais e especialmente para as crianças.

Referências bibliográficas

- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios Familiares*. 1ª edição, Quarteto Editora. Coimbra
- Albrecht, S. L. (1979). Correlates of marital happiness among the remarried. *Journal of Marriage and the Family*, 857-867.
- Amato, P. R. (2000). The consequences of divorce for adults and children. *Journal of marriage and family*, 62(4), 1269-1287.
- Antunes, N., Francisco, R., Pedro, M., Ribeiro, M.T., & Santos, S. (2014). Escala de satisfação conjugal de Kansas [versão para investigação]. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Barker, P., & Chang, J. (2013). *Basic Family Therapy*. Chichester, West Sussex, UK: Wiley-Blackwell.
- Bell, R. A., Daly, J. A., & Gonzalez, M. C. (1987). Affinity-maintenance in marriage and its relationship to women's marital satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 445-454.
- Bodenmann, G. (1995). A systemic-transactional conceptualization of stress and coping in couples. *Swiss Journal of Psychology/Schweizerische Zeitschrift für Psychologie/Revue Suisse de Psychologie*.
- Bodenmann, G. (1997). Dyadic coping: A systemic-transactional view of stress and coping among couples: Theory and empirical findings. *European Review of Applied Psychology*, 47(2), 137-141.
- Bodenmann, G. (2005). *Dyadic Coping and Its Significance for Marital Functioning*. American Psychological Association.
- Bodenmann, G. (2008). Dyadisches coping inventar: Testmanual [Dyadic coping inventory: Test manual]. *Bern, Switzerland: Huber*.
- Bodenmann, G., Charvoz, L., Cina, A., & Widmer, K. (2001). Prevention of marital distress by enhancing the coping skills of couples: 1-year follow-up-study. *Swiss Journal of Psychology/Schweizerische Zeitschrift für Psychologie/Revue Suisse*

- de Psychologie*, 60(1), 3.
- Bodenmann, G., & Cina, A. (2005). Stress and coping among stable-satisfied, stable-distressed and separated/divorced Swiss couples: A 5-year prospective longitudinal study. *Journal of Divorce & Remarriage*, 44(1-2), 71-89.
- Bodenmann, G., Pihet, S., & Kayser, K. (2006). The relationship between dyadic coping and marital quality: a 2-year longitudinal study. *Journal of Family Psychology*, 20(3), 485.
- Bodenmann, G., & Randall, A. K. (2012). Common factors in the enhancement of dyadic coping. *Behavior therapy*, 43(1), 88-98.
- Bodenmann, G., & Shantinath, S. D. (2004). The Couples Coping Enhancement Training (CCET): A new approach to prevention of marital distress based upon stress and coping. *Family Relations*, 53(5), 477-484.
- Bradbury, T. N., Fincham, F. D., & Beach, S. R. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: A decade in review. *Journal of marriage and family*, 62(4), 964-980.
- Buckle, L., Gallup, G. G., & Rodd, Z. A. (1996). Marriage as a reproductive contract: Patterns of marriage, divorce, and remarriage. *Ethology and Sociobiology*, 17(6), 363-377.
- Carrilho, M. J. & Patrício, L. (2008). A situação demográfica recente em Portugal. *Revista de Estudos Demográficos*, 44, 35-80.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. *As mudanças no ciclo de vida familiar*, 2, 7-29.
- Cherlin, A. (1978). Remarriage as an incomplete institution. *American journal of Sociology*, 634-650.
- Chiappori, P. A., & Weiss, Y. (2006). Divorce, remarriage, and welfare: A general equilibrium approach. *Journal of the European Economic Association*, 4(2-3), 415-426.
- Clarke, S. C., & Wilson, B. F. (1994). The relative stability of remarriages: A cohort approach using vital statistics. *Family relations*, 305-310.

- Cohan, C. L., & Bradbury, T. N. (1997). Negative life events, marital interaction, and the longitudinal course of newlywed marriage. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73(1), 114
- Coleman, M., Ganong, L., & Fine, M. (2000). Reinvestigating remarriage: Another decade of progress. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 1288-1307.
- Crosbie-Burnett, M. (1989). Application of family stress theory to remarriage: A model for assessing and helping stepfamilies. *Family Relations*, 323-331.
- Cutrona, C. E., & Gardner, K. A. (2006). Stress in Couples: The Process of Dyadic Coping
- DeMaris, A. (1984). A comparison of remarriages with first marriages on satisfaction in marriage and its relationship to prior cohabitation. *Family Relations*, 443-449.
- Everri, M., Mancini, T., & Fruggeri, L. (2015). Family Functioning, Parental Monitoring and Adolescent Familiar Responsibility in Middle and Late Adolescence. *Journal of Child and Family Studies*, 24(10), 3058-3066.
- Falconier, M. K., Jackson, J. B., Hilpert, P., & Bodenmann, G. (2015). Dyadic coping and relationship satisfaction: A meta-analysis. *Clinical psychology review*, 42, 28-46.
- Forgatch, M. S., DeGarmo, D. S., & Beldvas, Z. G. (2005). An efficacious theory-based intervention for stepfamilies. *Behavior Therapy*, 36(4), 357-365.
- Fowers, B. J. (1991). His and her marriage: A multivariate study of gender and marital satisfaction. *Sex Roles*, 24(3-4), 209-221.
- Furstenberg, F. F., & Cherlin, A. J. (1991). *Divided families: What happens to children when parents part* (Vol. 1). Harvard University Press.
- Furstenberg Jr, F. F., & Spanier, G. B. (1984). The risk of dissolution in remarriage: An examination of Cherlin's hypothesis of incomplete institutionalization. *Family Relations*, 433-441.
- Glick, P. C. (1984). Marriage, Divorce, and Living Arrangements Prospective Changes. *Journal of family issues*, 5(1), 7-26.
- Goetting, A. (1982). The six stations of remarriage: Developmental tasks of

- remarriage after divorce. *Family Relations*, 213-222.
- Halford, W. K., Sanders, M. R., & Behrens, B. C. (2001). Can skills training prevent relationship problems in at-risk couples? Four-year effects of a behavioral relationship education program. *Journal of family psychology*, 15(4), 750.
- Hawkins, A. J., Blanchard, V. L., Baldwin, S. A., & Fawcett, E. B. (2008). Does marriage and relationship education work? A meta-analytic study. *Journal of consulting and clinical psychology*, 76(5), 723.
- Herzberg, P. Y. (2013). Coping in relationships: The interplay between individual and dyadic coping and their effects on relationship satisfaction. *Anxiety, Stress & Coping*, 26(2), 136-153.
- Hetherington, E. M. (1992). I. Coping with marital transitions: A family systems perspective. *Monographs of the society for research in child development*, 57(2-3), 1-14.
- Hiyoshi, A., Fall, K., Netuveli, G., & Montgomery, S. (2015). Remarriage after divorce and depression risk. *Social Science & Medicine*, 141, 109-114.
- Jensen, T. M., Shafer, K., & Larson, J. H. (2014). Differences in relationship quality measurement and covariate influence between individuals in first and second marriages: A propensity score analysis. *Marriage & Family Review*, 50(8), 639-664.
- Karney, B. (2015). Why marriage changes over time. In Mikulincer, M. & Shaver, P.R. (Eds). *APA Handbook of personality and social psychology: vol. 3. Interpersonal Relations* (pp. 557-579). American Psychological Association
- Keitner, G. I., Heru, A. M., & Glick, I. D. (2009). *Clinical manual of couples and family therapy*. American Psychiatric Pub.
- Kunrath, L. H. (2006). Recasamento: Novas oportunidades para o Espaço Conjugal. *Pensando Famílias*, 10(1), 101-112.
- Landis, M., Peter-Wight, M., Martin, M., & Bodenmann, G. (2013). Dyadic coping and marital satisfaction of older spouses in long-term marriage. *GeroPsych: The Journal of Gerontopsychology and Geriatric Psychiatry*, 26(1), 39.

- Landis, M. *et al.* (2014). Commitment and dyadic coping in long-term relationships. *GeroPsych: The Journal of Gerontopsychology and Geriatric Psychiatry*, 27(4), 139.
- Laureano, R. (2011), *Teste de Hipóteses como SPSS – O meu manual de consulta rápida*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Levesque, C., Lafontaine, M. F., Caron, A., Flesch, J. L., & Bjornson, S. (2014). Dyadic empathy, dyadic coping, and relationship satisfaction: A dyadic model. *Europe's Journal of Psychology*, 10(1), 118-134.
- Lobo, C. (1995). Do (re) casamento às estratégias de recomposição familiar. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 18, 69-95.
- Lobo, C., & Conceição, C. P. (2003). O recasamento em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 42, 141-159.
- MacDonald, W. L., & DeMaris, A. (1995). Remarriage, stepchildren, and marital conflict: Challenges to the incomplete institutionalization hypothesis. *Journal of Marriage and the Family*, 387-398.
- Marotti, J., Galhardo, A. P. M., Furuyama, R. J., Pigozzo, M. N., Campos, T. N. D., & Laganá, D. C. (2008). Amostragem em pesquisa clínica: tamanho da amostra. *Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, 20(2), 186-194.
- McCubbin, M. A., & McCubbin, H. I. (1989). Theoretical orientations to family stress and coping. *Treating stress in families*, 3-43.
- Minuchin. (1974). *Families and family therapy*. Harvard University Press.
- Mirecki, R. M., Chou, J. L., Elliott, M., & Schneider, C. M. (2013). What factors influence marital satisfaction? Differences between first and second marriages. *Journal of Divorce & Remarriage*, 54(1), 78-93.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of family therapy*, 22(2), 144-167.)
- Olson, D. (2011). FACES IV and the circumplex model: Validation study. *Journal of marital and family therapy*, 37(1), 64-80.).

- Pallant, J. (2007). *A step by step guide to data analysis using SPSS*. 3ª edição, Open University Press
- Papp, L. M., & Witt, N. L. (2010). Romantic partners' individual coping strategies and dyadic coping: implications for relationship functioning. *Journal of Family Psychology*, 24(5), 551.
- Peek, C. W., Bell, N. J., Waldren, T., & Sorell, G. T. (1988). Patterns of functioning in families of remarried and first-married couples. *Journal of Marriage and the Family*, 699-708.
- Pereira, A. (2006). *Guia prático de utilização do SPSS – Análise de dados para as Ciências Sociais e Psicologia*. Lisboa: Edições Sílabo.
- PewResearchCenter. (2014). *Chapter 2: the demographics of remarriage*. Disponível em: <http://www.pewsocialtrends.org/2014/11/14/chapter-2-the-demographics-of-remarriage/>
- Randall, A. K., & Bodenmann, G. (2009). The role of stress on close relationships and marital satisfaction. *Clinical psychology review*, 29(2), 105-115.
- Russell, L. T., Coleman, M., & Ganong, L. H. (2016). Remarriage: Starting Over. *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Family Studies*.
- Røsand, G. M. B., Slinning, K., Eberhard-Gran, M., Røysamb, E., & Tambs, K. (2012). The buffering effect of relationship satisfaction on emotional distress in couples. *BMC public health*, 12(1), 1.
- Schumm, W., Paff-Bergen, L., Hatch, R., Obiorah, F., Copeland, J., Meens, L., & Bugaighis, M. (1986). Concurrent and discriminant validity of the Kansas marital satisfaction. *Journal of Marriage and Family*, 48, 381-387.
- Skinner, K. B., Bahr, S. J., Crane, D. R., & Call, V. R. (2002). Cohabitation, Marriage, and Remarriage A Comparison of Relationship Quality Over Time. *Journal of Family Issues*, 23(1), 74-90.
- Spanier, G. B., & Furstenberg Jr, F. F. (1982). Remarriage after divorce: A longitudinal analysis of well-being. *Journal of Marriage and the Family*, 709-720.
- Spanier, G. B., & Furstenberg Jr, F. F. (1987). Remarriage and reconstituted

- families. In *Handbook of marriage and the family* (pp. 419-434). Springer US
- Stets, J. E. (1993). The link between past and present intimate relationships. *Journal of Family Issues*, 14(2), 236-260.
- Stratton, P., Bland, J., Janes, E. and Lask, J. (2010), Developing an indicator of family function and a practicable outcome measure for systemic family and couple therapy: the SCORE. *Journal of Family Therapy*, 32:232–258.
- Stratton, P., Lask, J., Bland, J., Nowotny, E., Evans, C., Singh, R., Janes, E., & Peppiatt, A. (2014). Detecting therapeutic improvement early in therapy: validation of the SCORE-15 index of family functioning and change. *Journal of Family Therapy*, 36(1), 3-19.
- Valentim de Sousa, D. H. A., & Dias, C. M. D. S. B. (2014). Recasamento: Percepções e vivências dos filhos do primeiro casamento. *Estud. Psicol. (Campinas)*, 31(2), 191-201
- Vedes, A. Nussbeck, F. W., Bodenmann, G., Lind, W., & Ferreira, A. (2013). Psychometric properties and validity of the Dyadic Coping Inventory in Portuguese. *Swiss journal of Psychology*, 72(3), 149
- Vemer, E., Coleman, M., Ganong, L. H., & Cooper, H. (1989). Marital satisfaction in remarriage: a meta-analysis. *Journal of Marriage and the family*, 713-725
- Vilaça, M., Silva, J. T., & Relvas, A. P. (2014). Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE-15). In A. P. Relvas (Ed.), *Instrumentos de Avaliação Familiar – Funcionamento e Intervenção* (Vol. I, pp 23-45). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- White, L. K., & Booth, A. (1985). The quality and stability of remarriages: the role of stepchildren. *American Sociological Review*, 689-698
- Whitton, S. W., Stanley, S. M., Markman, H. J., & Johnson, C. A. (2013). Attitudes toward divorce, commitment, and divorce proneness in first marriages and remarriages. *Journal of Marriage and Family*, 75(2), 276-287
- Teachman, J. (2008). Complex life course patterns and the risk of divorce in second marriages. *Journal of Marriage and Family*, 70(2), 294-305

Traa, M. J., De Vries, J., Bodenmann, G., & Den Ouden, B. L. (2015). Dyadic coping and relationship functioning in couples coping with cancer: a systematic review. *British journal of health psychology*, 20(1), 85-114